

# VIAGEM AOS EUA

## FHC visita Bush com um pé atrás

Vicente Nunes  
Correspondente

**N**ova York — O presidente Fernando Henrique Cardoso se reúne hoje com o homem mais poderoso do mundo: George W. Bush, presidente dos Estados Unidos. Aos poucos amigos a quem confidenciou alguns detalhes sobre a conversa que pretende ter na Casa Branca, Fernando Henrique se mostrou ansioso, mas também reticente sobre os interesses que o governo de Bush demonstra quanto à criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

“Precisamos ser firmes nas nossas posições, mas também muito cautelosos no diálogo com Bush”, vem afirmando a seus interlocutores. “Não há como negar que a Alca pode trazer vantagens econômicas para todo o hemisfério, mas o Brasil precisa manter o equilíbrio das regras, pois está em uma posição muito mais complexa do que todos os demais países da região. Não podemos apoiar uma via de mão única, que beneficie apenas os Estados Unidos”, tem dito o presidente.

Segundo ele, excluindo os países do Nafta — área de livre comércio que reúne o Canadá, México e os EUA —, o Brasil é o maior parceiro comercial dos americanos na América Latina e o mercado que mais cresce na região. “Portanto, nossas posições precisam ser levadas em conta no processo de integração. Os Estados Unidos nos pedem mais abertura comercial, mas sobretaxam vários produtos brasileiros que são competitivos. Isso não pode continuar valendo na Alca”, ressalta.

As dúvidas do presidente sobre as reais intenções do governo americano de priorizar a integração da América Latina, em um regime de equilíbrio, ganham uma dimensão maior diante da atual divisão do gabinete de Bush em relação à política externa. Há uma disputa declarada entre a ala mais moderada do governo, comandada pelo secretário de Estado, Colin Powell, e a mais conservadora, que tem como figura-chave o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld.

Quando fala em ser firme, mas ao mesmo tempo cauteloso no encontro do Bush, o presidente brasileiro leva em conta o fato de não conhecer seu colega pessoalmente. Na verdade, os dois se falaram apenas duas vezes por telefone, mas muito for-

malmente. Em janeiro, logo após confirmada a vitória de Bush na desastrosa eleição americana, Fernando Henrique ligou para o republicano e o cumprimentou. Bush tomou posse em 20 de janeiro. Na primeira semana de fevereiro, telefonou ao presidente brasileiro convidando-o para uma conversa na Casa Branca, na qual seriam acertadas as posições dos dois países na reunião dos chefes de Estado no Canadá, no mês que vem.

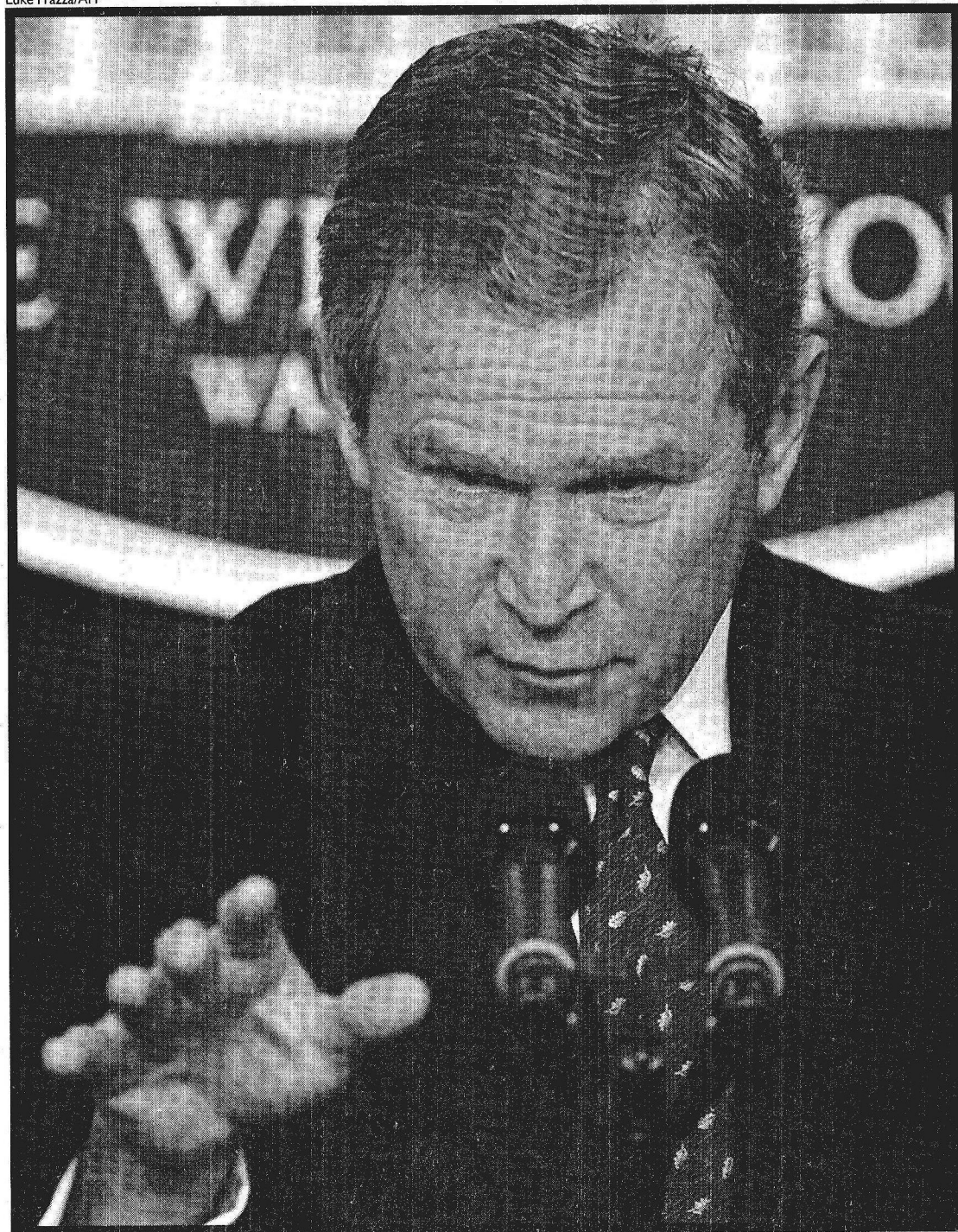
Fernando Henrique, segundo esse interlocutor, ficou com uma boa impressão da última conversa. Mas receia pelo primeiro contato pessoal. O chefe de Estado brasileiro desenvolveu um diálogo de alta qualidade com Bill Clinton, antecessor de Bush, com quem conversava constantemente, compartilhava ideologias e o gosto pela teoria e a prática política. Mas o republicano é bem mais direto, faz questão de valorizar o contato pessoal e se orienta por poucas, mas fortes posições ideológicas conservadoras, como as virtudes quase absolutas que vê no livre comércio.

Um dos mais conceituados estudiosos sobre o Brasil, Kenneth Maxuell, autor do livro *A Devassa da Devassa*, e um dos idealizadores do documento encaminhado recentemente a Bush pelo Conselho de Relações Exteriores, ressaltando a necessidade de o país estreitar os laços com o governo brasileiro, aposta no sucesso do encontro. “Não há opção para os dois lados. Para os Estados Unidos, o projeto de fazer a Alca andar sem o apoio do Brasil vai tornar a integração capenga, pois estaria alijando do processo a maior economia da América do Sul. Do lado brasileiro, não há por que partir para o isolacionismo. Isso só prejudicaria o país”, afirma.

Na avaliação de Maxuell, tão logo Bush consiga implementar a proposta de corte de impostos para estimular o crescimento econômico do país, os debates no Congresso se centrarão nas questões comerciais, em especial, na aprovação do *fast track*, instrumento que permite ao governo negociar acordos comerciais sem submetê-los à aprovação dos parlamentares.

É importante ressaltar, porém, diz o estudioso, que alguns setores econômicos tenderão a pressionar o governo americano para a manutenção de reservas de mercados, como do aço, suco de laranja, calçados e produtos agrícolas, justamente nos quais o Brasil é muito competitivo.

Luke Frazza/AFP



BUSH DISCUTIRÁ LIVRE COMÉRCIO COM FHC, QUE VAI DEFENDER MAIOR EQUILÍBRIO NAS RELAÇÕES COM OS EUA

### O PODER DA ALCA

Quem faz parte do novo bloco econômico

Pais	PIB (em US\$ bilhões)	População (em milhões)	Pais	PIB (em US\$ bilhões)	População (em milhões)
Antigua e Barbuda	0,61	0,07	Nicarágua	2	5,1
Bahamas	3,7	0,31	Panamá	9,1	2,9
Barbados	2,3	0,27	Paraguai	8,6	5,5
Belize	0,68	0,2	Peru	62,7	25,7
Bolívia	8,6	8,3	Santa Lúcia	0,61	0,15
Chile	78,7	15,2	São Vicente e Granadinas	0,32	0,11
Costa Rica	10,5	5,5	Suriname	0,33	0,42
Dominica	0,25	0,07	São Cristóvão e Névis	0,29	0,04
República Dominicana	15,9	8,3	Trindade e Tobago	6,4	1,3
Equador	18,4	12,6	Uruguai	20,6	3,3
El Salvador	11,9	6,3	Venezuela	95	24,2
Granada	0,34	0,1	Estados Unidos	8.000	278,4
Guatemala	18,9	11,4	Argentina	298,6	37
Guiana	0,72	0,86	Brasil	558,6	166
Haiti	3,9	8,2	Canadá	58	31,1
Honduras	5,4	6,5	México	393,5	98,9
Jamaica	6,4	2,6	Colômbia	102,9	42,3

Fonte: Almanaque Abril

Número de países	34
População	823,2 milhões de habitantes
PIB	US\$ 10,8 trilhões

Editoria de Arte/Joelson Miranda

